

**Catherine Ojibwa e o cerco ao Forte Detroit: um mito indianista na historiografia norte-americana**

Ricardo Martins Valle  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil  
Endereço eletrônico: ricardomartins.valle@uesb.edu.br

1544

**Palavras-chave:** Catherine Ojibwa. Cerco ao forte Detroit. Mito indianista. Historiografia norte-americana

## INTRODUÇÃO

Na história colonial dos EUA, o tema do amor de uma mulher indígena também compôs narrativas indianistas de legitimação da invasão colonial. Um desses casos, pouco conhecido no Brasil, está associado ao desfecho do episódio histórico conhecido como Cerco ao Forte Detroit, em 1763. A partir da menção de Charles Eastman (1915; 2024) a Catherine Ojibwa como heroína indígena nacional, indicamos as fontes dessa narrativa indianista (PARKMAN, 1851; MOORE, 1887; CROWLEY, 1902; WHITNEY, 1910; WATERMAN, 1915) e como repercutem na obra do primeiro autor indígena Sioux.

## METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de caráter bibliográfico de crítica histórica das fontes.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Eastman foi um Sioux em guerra contra a versão branca da história. Tornou-se médico e iniciou sua carreira em 1891, cuidando dos sobreviventes do Massacre de Wounded Knee - a célebre “curva do rio” no título da tradução brasileira do clássico de Dee Brown (2009). Wounded Knee foi sob muitos aspectos o fim de um mundo, encerrando as chamadas “guerras índias”, na sequência do assassinato de Touro Sentado, o último chefe guerreiro Sioux a resistir à invasão, responsável pela mais gloriosa derrota do exército americano, em 1876, na célebre Batalha de Little Bighorn. Wounded Knee

**Realização:**



**Apoio:**



foi o último dos incontáveis massacres que marcaram a invasão da cristandade nos territórios de toda a América. Após o emblemático começo na carreira médica, Eastman torna-se também escritor, dedicado a contar o outro lado da história. Mesmo assim, pela força de mistificação da invenção historiográfica de uma narrativa indianista, a ideologia da formação nacional e do destino manifesto está presente nesse decano da literatura indígena nos EUA:

1545

Talvez nenhum serviço tão grande tenha sido prestado por uma garota indígena à raça branca do que por Catherine, a donzela Ojibwa, no auge da grande conspiração de Pontiac. Se ela não avisasse oportunamente o seu amado, o capitão Gladwin, o Forte Detroit teria o mesmo destino que os outros Fortes, e o grande número de indígenas que mantiveram o cerco por três meses teria se espalhado para destruir os assentamentos coloniais de Ohio e Pensilvânia. O sucesso de Pontiac certamente teria atrasado o povoamento do vale do rio Ohio por muitos anos. Não era de se supor que Catherine fosse movida a avisá-lo por qualquer coisa, exceto por seus verdadeiros instintos femininos. Ela se manteve entre as duas raças e, graças a seu amor e sua bravura, interrompeu uma luta que poderia ter se mostrado repleta de extravagâncias e crueldades de ambos os lados. Ela foi um anjo da civilização e deveria ter seu lugar na história ao lado de Pocahontas. (EASTMAN, 2024.)

O Cerco ao Forte Detroit (1763) é um episódio importante da resistência indígena, nas fronteiras entre EUA e Canadá. O próprio Eastman considera o líder daquela rebelião, uma vítima da guerra dos brancos, introduzida por disputas entre as coroas europeias. O cerco comandado por Pontiac - “o grande Odawa”, como muitas vezes a ele se refere Eastman - foi um aspecto da Guerra dos Sete Anos, na medida em que, derrotados os franceses, os grupos indígenas do interior se viram expostos à invasão dos ingleses vindos do Atlântico. Com a vitória britânica, tem início o primeiro processo de interiorização da colonização inglesa, a primeira “corrida para o oeste”, abrindo acesso ao vale do Ohio, que corre para o interior, por onde se chegaria à região central e oeste do atual território dos EUA. Os povos algonquinos da região dos Grandes Lagos tinham dois séculos de convívio e contato esporádico com os franceses. A colonização francesa, limitando-se a viagens exploratórias e missões jesuíticas, não tinha empreendido naqueles sertões grandes transferências populacionais - diferente do que fazia no mar do Caribe, por exemplo, e ao contrário dos agressivos assentamentos coloniais britânicos vindos do

Realização:



Apoio:



Leste. Na história dos EUA, a guerra franco-britânica representa a ante-sala da Independência e, por isso, a derrota de Pontiac, antigo aliado dos franceses, é vista como um evento teleologicamente “necessário” na perspectiva anglo-americana, o que se reflete no excerto de Eastman.

Conforme uma tradição de narrativas históricas e ficcionais daquele evento, uma jovem indígena e o major Henry Gladwin se apaixonaram ao se encontrarem por acaso durante um passeio do militar pelos arredores selvagens do Forte. A jovem indígena, chamada Catherine pelos guardas do Forte, começa a visitar o comandante quase todos os dias, sob o pretexto de presentear-lo com mocassins que ela confeccionava. Na véspera da conspiração indígena, porém, a moça foi ao encontro de seu amado no início da noite. Ela o alerta sobre os planos do chefe dos Odawa, que proporia um cessar-fogo e uma reunião de paz no interior do Forte. A comitiva indígena levaria armas debaixo de suas mantas para tomar o Forte, pegando de surpresa oficiais e soldados.

Catherine, entretanto, é na verdade um componente ficcional, sem qualquer evidência histórica: foi positivamente inventada por uma tradição de historiadores e ficcionistas entre os séculos XIX e XX, uma pitada romanesca na vitória dos regimentos britânicos contra o levante indígena de Pontiac. A primeira fonte a criar ou dar autoridade a essa tradição foi a obra de Francis Parkman (1870), **The Pontiac Conspiracy**, publicada em 1851, com seis reedições em menos de vinte anos. Como outros historiadores românticos, Parkman reproduz até mesmo o diálogo secreto dos dois amantes, numa flagrante inverossimilhança historiográfica. Tomado por verdadeiro, o enredo indianista tornou-se parte da história de Detroit em narrativas didáticas, históricas e literárias até o início do século XX.

Mesmo após o livro de Charles Moore, **The Gladwin Manuscripts** (1887), que faz uma extensa revisão documental a evidenciar a invenção de Parkman, versões romanescas permaneceram no imaginário da história americana. São exemplos o romance de Mary Catherine Crowley, **The Heroine of the Strait: A romance of Detroit in the time of Pontiac** (1902) e a tragédia de Alfred Whitney, **Pontiac, a Drama of old Detroit** (1910), na qual Catherine seria noiva do próprio Pontiac. Esse é o pano de fundo bibliográfico de Eastman ao reproduzir em 1915 os clichês romanescos (e suas

Realização:



Apoio:



implicações ideológicas) em torno da “donzela Ojibwa”, dividida entre a fidelidade a seu povo e a seu amado.

No mesmo ano do livro de Eastman, um conto escolar dessa narrativa saiu na edição de março da revista **The Red Man** (1915, n.7, vol.7). Repleto de componentes racistas, o conto indianista “Catherine, the faithful Ojibwa” (WATERMAN, 1915) elogia a brancura da pele da moça, que se sobressaía por não ter o “corpo atarracado” e o “rosto arredondado”, como as outras. Eastman foi leitor e colaborador daquele periódico, uma publicação da Escola Indígena de Carlisle, especializada em produzir “índios de alma branca” como em um dos lemas de seu fundador. Em alguns números, o nosso o médico Sioux foi também notícia, uma vez que havia se tornado notável como um modelo de “índio civilizado”. A autoria do conto, porém, parece duvidosa, atribuída a um ex-aluno indígena da Escola, de nome Charles Waterman. Contudo, nossa pesquisa verificou em sua própria ficha de matrícula que ele não passou mais de três meses na escola, quase duas décadas antes da publicação do conto. Apenas suas irmãs mais novas frequentaram a instituição até 1913. Embora simule clichês de narrativas orais contadas em redor do fogo, o texto, reparando bem, parece mais uma redação de professor, incluindo logo no primeiro parágrafo uma vexatória propaganda do programa civilizatório da Escola. Enfim, pessimamente concebido em todos os aspectos, o obscuro autor chega ao absurdo de atribuir a Pontiac a frase “o único branco bom é o branco morto”, pervertendo uma frase histórica famosa, dita publicamente pelo general Sheridan - “o único índio bom é o índio morto” - durante o auge das “guerras índias” da segunda metade do século.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse imaginário dominante fundamentaria a versão que Eastman infelizmente ratifica, ao aceitar o mito historiográfico da fiel donzela Ojibwa, acabando por elogiar a traição da jovem indígena contra seu próprio povo. Não sem uma dose de machismo, aliás, atribui aos “instintos femininos” a escolha da moça. Contudo, em nenhum registro histórico do período encontram-se referências a uma jovem que tivesse auxiliado os ingleses no desfecho da guerra, como demonstra Moore (1887). Apesar da brava resistência de Pontiac, as forças britânicas venceram, porque as guerras dos brancos sempre foram desproporcionalmente mais poderosas do que as guerrilhas indígenas.

Realização:



Apoio:



Nunca foi necessário um drama amoroso para que a “civilização” fosse “salva”, como Eastman lamentavelmente diz, embora muitas relações afetivas com jovens indígenas tenham facilitado a fixação de imigrantes e militares cristãos em diversas ocasiões em todo o processo colonial do novo mundo. Apesar da sua importância na construção do primeiro movimento indígena americano, momentos infelizes como esse lhe renderam a pecha de *accommodationist* para a posteridade indígena norte-americana. Sua credulidade em relação a uma narrativa legitimatória como essa só se explica por seu empenho em demonstrar grandezas indígenas para a história do país, numa época em que os Sioux, mais do que quaisquer outros, foram demonizados pelo pensamento dominante que procurou combater.

## REFERÊNCIAS

BROWN, Dee. **Enterrem meu coração na curva do rio**. Tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Porto Alegre: LP&M, 2009.

CROWLEY, Mary Catherine. **The Heroine of the Strait: A Romance of Detroit in the Time of Pontiac**. Boston, MA: Little, Brown, & CO., 1902.

EASTMAN, Charles Alexander. **The Indian Today**. The Past and the Future of the First American. Garden City, NY: Doubleday Page & Co. 1915.

\_\_\_\_\_. **Alma indígena**. Duas palavras de um médico Sioux. Organização Ricardo Martins Valle; trad. Ricardo Valle e Elmo Trindade. São Paulo: Hedra, 2024.

MOORE, Charles. **The Gladwin manuscripts; with an introduction and a sketch of the conspiracy of Pontiac**. Lansing: Robert Smith Printing Co., 1897.

PARKMAN, Francis. [1851] **The Conspiracy of Pontiac and Indian War after the Conquest of Canada**. 6ª ed. Boston: Little, Brown, and Co., 1870, 2 vol.

WATERMAN, Charles. “The faithful Ojibwa”. In: **The Red Man**. 1915, n.7, vol.7.

WHITNEY, Alfred. **Pontiac, a Drama of old Detroit**, Boston: Richard G. Badger, 1910.

Realização:



Apoio:

